

Maílson exige mais

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, quarta-feira, 22 de março de 1989

flexibilidade dos credores

Divida externa

CESAR FONSECA

O ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, voltou a prever ontem, na assembleia geral do BID, em Amsterdã, um futuro sombrio no relacionamento entre países devedores e os bancos credores internacionais, caso ambos não encontrem uma solução negociada para redução do estoque da dívida combinada com a liberação de novos empréstimos, como forma de as economias devedoras, combalidas, voltarem a crescer. Maílson pregou a necessidade de os países ricos e os credores adotarem uma postura flexível e voltada para o médio prazo, e não à manutenção do imediatismo, que se preocupa, exclusivamente, com as questões meramente financeiras.

O titular da Fazenda traçou um quadro sombrio da América Latina, empobreida ao longo dos últimos anos em face do esforço feito para pagar a dívida. O Produto Interno Bruto da região cresceu apenas 0,7 por cento no ano passado, depois de haver aumentado

4 por cento em 1986 e 2,5 por cento em 1987. A renda per capita caiu 1,5 por cento e é hoje 6,5 por cento menor do que em 1980. A inflação duplicou e atingiu 470 por cento. As exportações aumentaram — o saldo comercial atingiu 28 bilhões de dólares — mas este esforço não foi compensado pela ajuda dos credores. Ao contrário, a região foi afetada pela redução no ingresso líquido de capitais, que caiu para um terço do registrado em 1987. Por isso, destacou o ministro, mais de uma dezena de países da região suspenderam ou atrasaram os pagamentos da dívida.

Maílson disse que a crise latino-americana se manifesta na estagnação, na resistência dos desequilíbrios macroeconômicos, na queda da formação de capital e na deterioração dos níveis de vida da população. As dificuldades econômicas decorrem, em grande parte, do impacto provocado por uma maciça transferência de recursos para o exterior, que compromete a capacidade de crescer, assim como afeta a estabi-

lidade da economia, pois pressiona o déficit público e a inflação.

Os países latino-americanos, conforme destacou o ministro, fizeram esforços para ajustar suas economias, mas não tiveram nenhuma ajuda dos credores, em contrapartida de novos empréstimos. O cenário é preocupante, principalmente diante do perigo mais recente, relativo à elevação das taxas de juros internacionais. O aumento de três pontos percentuais nos juros internacionais eliminou, segundo o ministro, os ganhos obtidos pelo Brasil na renegociação da dívida externa acertada com os credores no ano passado.

BRADY

Maílson elogiou o Plano Brady, considerando-o um passo na direção correta, na medida em que sugere redução da dívida, suspensão das cláusulas que impediam a sua redução, a possibilidade de utilizar recursos dos organismos financeiros internacionais

para operação de recompra e a recomendação para mudanças nos regulamentos bancários, normas contábeis e incentivos fiscais. O ministro ressaltou a necessidade de essas ideias não se perderem nos meandros de processo de decisão burocráticos e que haja recursos suficientes para apoiar operações de redução da dívida.

Quanto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Maílson da Nóbrega pregou maior participação do mesmo na solução da crise da dívida, através de maior volume de empréstimos setoriais. Pregou o aumento do capital do banco e a definição, de sua parte, de claras prioridades nacionais. Na área de projetos de investimentos, o BID deverá priorizar a área tecnológica, setor em que a região latino-americana encontra-se bastante defasada. Ele deve posicionar-se mais ativamente em favor da modernização da economia via investimentos em tecnologia, defendeu o ministro.